TL156-10
P

COMISSÃO DOS DIREITOS HUMANOS

TIMOR-LESTE
PONTO 10 - Tortura e Desaparecimentos

Senhor Presidente, minhas senhoras e meus senhores.
Chamo-me Donaciano Gomes, tenho 21 anos e sou estudante. A minha família saíu de Timor-Leste no dia 6 de Setembro passado com a ajuda da Cruz Vermelha Internacional.
Eu tinha seis anos quando Timor-Leste foi invadido pelas Forças Armadas indonésias, em 7 de Dezembro de 1975. Estava em Dili, com a minha mãe e os meus irmãos; o meu pai estava no hospital, devido a um acidente em que partiu um pé. Perto da nossa casa existia um campo de futebol que serviu de local de reagrupamento de tropas indonésias: paraquedistas largados sobre Dili e infantaria desembarcada de navios de guerra. Timorenses, sobretudo mulheres e crianças, que passavam perto desse terreno, em direcção à igreja de Motael procurando refúgio, foram abatidos pelos militares. Estivemos 15 dias sem sair de casa.
Quando pude sair, deparei com cadáveres nas ruas, por vezes comidos pelos animais. Na praia mais próxima, o mar trazia à areia numerosos cadáveres; com algumas crianças da minha idade, e sob a direcção de um enfermeiro timorense, enterrámos muitos na areia da praia.

Em 1981, todos os homens válidos, entre os 15 e os 60 anos, foram recrutados à força pelos indonésios para uma grande operação contra a resistência. Vários membros da minha família participaram nessa operação como escudos vivos dos soldados indonésios. Eu era ainda muito novo e não fui levado.

Em 1989, preparando a visita do Papa João Paulo II a Timor, numerosos timorenses foram presos e torturados. O Tenente-Coronel Prabowo, genro do Presidente Suharto, torturou pessoalmente Ildefonso Araújo, partindo-lhe os dentes e uma perna.
O clima de terror não impediu a realização de uma manifestação no final da missa celebrada pelo Papa a 12 de Outubro.
Logo que o Papa partiu, a repressão abateu-se sobre nós. Houve numerosas prisões: dois amigos meus, Jacob Xavier e Virgílio Costa, foram detidos no Senopati III, uma caserna de comandos, e torturados sob as ordens do Coronel Bimo, então comandante operacional dos Serviços Secretos. Eu escapei a essa sorte escondendo-me durante várias noites nos bosques próximos de Dili. Mas, tendo sabido que os militares ameaçavam tomar a minha família como refém, procurei refúgio no dia 26 de Outubro na residência do Bispo católico.
Cerca de 38 jovens já aí se encontravam. O comandante militar, General Mulyadi, o comandante dos Serviços Secretos, Coronel Bimo, o Governador Civil e o Vice-Governador - todos indonésios excepto

o Governador Civil - tentaram fazer-nos sair, mas o Bispo, Monsenhor Belo, assumiu a nossa protecção.
A tensão aumentou e no dia 4 de Novembro, tendo conhecimento de que a vida do Bispo corria perigo, a população reuniu-se à volta da residência episcopal para defender o Bispo e os jovens que lá estavam refugiados. As tropas de ocupação enviaram dois blindados e cerca de 1.500 militares para dispersar os manifestantes.
No dia seguinte, o comandante militar e oficiais entraram na casa episcopal e ameaçaram levar o Bispo se não saíssemos de livre vontade. Nós saímos, depois de o comandante nos ter prometido, diante do Bispo, que não seríamos torturados e que seríamos libertados após um curto interrogatório.
Fomos levados de autocarro ao posto da polícia e o Bispo acompanhou-nos. Nos interrogatórios, a polícia foi substituída por militares dos comandos 'Bóinas Vermelhas'. Depois, a maioria dos meus companheiros foi realmente libertada como prometido, mas José Manuel da Silva Fernandes, Francisco Maria de Sousa, Clementino Faria, Guilherme Pereira, António Pereira Lopes, Lourenço Pereira e eu próprio, fomos levados levados sucessivamente a 4 instalações militares. Em todos esses locais fomos torturados. O primeiro golpe que recebi veio do comandante militar, o próprio General Mulyadi. Fui torturado pelo Coronel Naingolan e outros militares da Inteligência: queimaduras de cigarros, choques eléctricos, punhal espetado nas costas, pancadas na cabeça, canos de armas apontados ao peito, à cabeça e na boca. Os meus amigos sofreram o mesmo. Os carrascos queriam que nós acusássemos os padres timorenses de nos terem instigado a realizar a manifestação diante do Papa. Os interrogatórios e as torturas prolongaram-se durante 15 dias.

Em 17 de Janeiro de 1990, centenas de jovens manifestaram-se diante de John Monjo, o embaixador norte-americano em visita a Dili, protestando contra a repressão e pedindo a nossa libertação. o Major Heri tirou-me da minha cela e levou-me ao lugar da manifestação para que eu pedisse aos manifestantes que fossem para casa. Eu recusei, respondendo que eles faziam precisamente o que eu próprio tinha feito. Um dos manifestantes, Julião Mau-Siri, foi levado pelo Coronel Gatot, sucessor do Coronel Bimo na chefia dos Serviços Secretos, que veio depois mostrar-me o meu companheiro, com a cabeça em sangue e as costas marcadas pela baioneta, mas eu não cedi. Ameaçaram então que podiam dar cabo de nós. O Major Heri exigiu também que eu identificasse os manifestantes que tinha visto.

No dia 6 de Fevereiro fui libertado, com a obrigação de me apresentar todas as semanas no comando do Senopati II. Todos os que são presos são obrigados a apresentar-se regularmente e ouvir discursos sobre a integração de Timor-Leste na República da Indonésia.

Na véspera da minha partida, a 4 de Setembro, no final de uma missa celebrada pelo Núncio Apostólico em Jacarta, Monsenhor Francesco Canalini, pelo 50º aniversário da diocese de Dili, os timorenses realizaram uma nova manifestação a favor da independência. Os indonésios respondem sempre da mesma maneira,

prisões e tortura. Várias centenas de pessoas foram presas desde então.
Tropas especiais vindas de Java, na Indonésia, e mascaradas atacam de noite, nas ruas de Dili. As operações militares, contra a resistência que luta desde há 15 anos nas montanhas, têm-se intensificado igualmente nos últimos tempos.

Aquilo que eu vi e sofri, é o que todo um povo vive e suporta desde há 15 anos, prisioneiro na sua própria terra. As Nações Unidas reconhecem o nosso direito à autodeterminação, mas que fazem para nos defender? Esperamos que as leis e os princípios do direito internacional serão válidos para todos.
Senhor Presidente, minhas senhoras e meus senhores, antes de terminar queria fazer um apelo aos membros desta Comissão dos Direitos Humanos para que se investigue a situação do meu amigo José Manuel da Silva Fernandes, de 21 anos, estudante do Externato Católico S.José em Dili. Ele foi um dos seis que esteve preso comigo no ano passado. Em 17 de Outubro a sua casa foi assaltada, ele foi levado e ignora-se até hoje o seu paradeiro. É apenas um caso entre tantos, mas não resisto a pedir a vossa intervenção porque é o meu amigo.

Senhor Presidente, minhas senhoras e meus senhores, agradeço a atenção com que me escutaram.

Donaciano Gomes

Genebra - Comissão dos Direitos Humanos da ONU - Fevereiro de 1991